

Lu Xun: utilidade e viabilidade do seu estudo em Portugal

Utility and viability of Lu Xun's Studies in Portugal

Cristina Zhou

Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra
cristinazhou@uc.pt
ORCID: 0000-0003-4617-931X

RESUMO

Estimulados pela intensificação das relações luso-chinesas nos últimos anos, os estudos chineses em Portugal têm vindo a crescer. A meu ver, os novos estudos chineses não podem focar-se só na contemporaneidade e actualidade, nem devem privilegiar apenas os aspectos sócio-políticos e económicos.

Para compreender a cultura chinesa, tanto na sua raiz como nas metamorfoses modernas, é necessário estudar certos elementos profundos e estruturantes, entendê-los numa perspectiva comparativa e intercultural. Neste sentido, torna-se imprescindível estudar Lu Xun (1881-1936), grande escritor que, na sua tentativa de reinventar a China, interpretou e criticou a cultura e a mentalidade chinesas com finura e agudeza assombrosa. Neste trabalho, pretendo apresentar a situação actual da tradução e dos estudos de Lu Xun em Portugal, justificar a utilidade de desenvolver os estudos de Lu Xun nos países de língua portuguesa e propor algumas sugestões práticas.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos chineses, literatura chinesa, modernidade chinesa, Lu Xun, literatura comparativa, diálogo intercultural.

ABSTRACT

In recent years, stimulated by the intensification of Luso-Chinese relations, the number of Chinese studies in Portugal has been increasing. In my view, the new Chinese studies in Portugal cannot focus solely on contemporaneity and current affairs, nor should they highlight only the socio-political and economic aspects.

To understand China, both in its roots and in its more modern metamorphoses, it is necessary to study certain deep and structuring cultural elements, and to try to appreciate them from a comparative and intercultural perspective. In this sense, it is essential to study Lu Xun (1881-1936), a great writer who, in his attempt to reinvent China, interpreted and criticized Chinese culture and mentality with astonishing finesse and sharpness. In this work, I intend to present the current situation of the translation and studies of Lu Xun's work in Portugal, to justify the usefulness of developing Lu Xun studies in Lusophone countries and to propose some practical suggestions.

KEYWORDS

Chinese studies, Chinese literature, Chinese modernity, Lu Xun, comparative literature, intercultural dialogue.

Nos últimos anos, graças à intensificação das relações luso-chinesas em diversas áreas, os estudos chineses em Portugal têm vindo a aumentar. No Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra onde sou directora executiva, tenho notado, especialmente nos estudantes jovens, uma crescente curiosidade pelas modas e inovações tecnológicas da China e, ao mesmo tempo, um enorme interesse pelo vasto mercado chinês. A expectativa do nosso público exige uma actualização constante dos estudos sobre a China. Naturalmente, os novos estudos chineses que gostaríamos de desenvolver em Portugal não podem focar-se só na contemporaneidade e actualidade, nem devem privilegiar apenas os aspectos sócio-políticos e económicos. Falando da minha área, que é a das letras e mais especificamente a da literatura, não posso deixar de defender a imprescindibilidade de estudar a história, língua e filosofia da China através da literatura chinesa. Nas obras dos grandes autores chineses, podemos encontrar os elementos mais estruturantes da cultura chinesa que nos permitem entender as aspirações mais elevadas e as preocupações mais profundas do povo chinês. Neste sentido, proponho entender a cultura chinesa através de Lu Xun (1881-1936), um autor que confrontou, sem receio, os aspectos mais problemáticos da mentalidade chinesa, e que nos deixou reflexões extremamente profundas e agudas sobre a cultura chinesa. Na minha opinião, qualquer pessoa interessada pela cultura chinesa deve estudar, através duma perspectiva comparativa e intercultural, a multifacetada obra de Lu Xun, e especialmente a tentativa do grande escritor na reinvenção da China.

Neste trabalho, vou primeiro apresentar a situação actual da tradução e dos estudos de Lu Xun nos países de língua portuguesa. Seguidamente, justificarei a utilidade de desenvolver os estudos de Lu Xun em Portugal, no contexto actual em que se verifica um aumento do interesse, especialmente dos estudantes jovens, pelas línguas e culturas asiáticas. Veremos, de uma forma sintética, como o grande escritor tentou modernizar a língua chinesa e como o legado intelectual de Lu Xun tem sido um elo robusto entre a China, o Japão e a Coreia. Por fim, proporei algumas sugestões práticas para o aprofundamento dos estudos deste escritor em Portugal.

Alguns contos mais influentes de Lu Xun, inclusive o fundamental “Diário de Um Louco” (《狂人日记》), escritos na altura do Movimento pela Nova Cultura (新文化运动) foram introduzidos ao público português em 1976, através da tradução (de francês para português) de Maria da Graça Morais Sarmento. Mais recentemente, foi publicado pela editora Cotovia as *Ervas Silvestres* (《野草》), um pequeno mas influente conjunto de prosas e poemas de Lu Xun escritas de 1924 a 1926.

A tradução (de chinês para português) é de Sun Lam e Luís Cabral. Sun Lam, ou Sun Lin, é a antiga directora do Instituto Confúcio da Universidade do Minho bem como a coordenadora do curso de licenciatura em Estudos Orientais – variante de Estudos Chineses e Japoneses, responsável pelo ensino da língua e da cultura popular chinesa. Na antologia *Quinhentos Poemas Chineses* (coord. António Graça de Abreu e Carlos Morais José), publicada em 2014 pela editora Vega, encontram-se dois poemas de Lu Xun; o primeiro é o “Mal de Amores” (《我的失恋》, tradução de Sun Lam e Luís Cabral), um poema jocoso escrito em 1924 e inserido na colecção *Ervas Silvestres*; e o outro (traduzido por Gil de Carvalho), um poema breve sem título, escrito em 1934, cujo último verso “ouve-se o estrondo do travão no silêncio” (“于无声处听惊雷”; tradução minha) é extremamente conhecido na China.

Como podemos ver, em Portugal, a tradução da obra de Lu Xun ainda se encontra bastante escassa e precisa de ser actualizada. Vale a pena, porém, mencionar que a sinóloga brasileira Márcia Schmaltz traduziu, de chinês para português, os contos de Lu Xun. Infelizmente, a jovem estudiosa brasileira faleceu em 2018 e o livro *Contos Completos de Lu Xun* ainda está por publicar pela editora L&PM (Porto Alegre). Márcia Schmaltz foi doutorada pela Universidade de Macau e leccionou os cursos de tradução e de língua e literatura chinesas na Universidade Federal de Minas Gerais. O seu falecimento foi uma grande perda para os estudos chineses no espaço lusófono.

No espaço anglófono ou germanófono, onde os estudos chineses se encontram mais consolidados, há, naturalmente, traduções mais completas e actualizadas da obra de Lu Xun. Já em 1956, foi publicada a *Obra Selecta de Lu Xun* (4 vol.s), traduzida de chinês para inglês pelo ilustre casal de tradutores Yang Hsien-yi e Gladys Yang. A influente tradução – preparada pelo mesmo casal - *Selected Stories of Lu Hsun* foi lançada em 1960 e republicada em 2007, pela *Foreign Languages Press* (Pequim). Dois anos depois, *Penguin Classics* lançou uma nova versão inglesa dos contos mais influentes de Lu Xun: *The Real Story of Ah-Q and Other Tales of China*, traduzida por Julia Lovell. No que diz respeito à tradução de Lu Xun para alemão, é de mencionar a colecção *Werke von Lu Xun* de editora suíça Unionsverlag, em seis volumes (1994) e em dois volumes (2015). A tradução, de chinês para alemão, foi realizada por Wolfgang Kubin, Rolf Findeisen e Florian Reissinger.

No espaço lusófono, o ensino da língua, cultura e literatura chinesas ainda está em via de desenvolvimento. Em Portugal, ainda não há um curso de licenciatura especificamente dedicado à língua chinesa. Vale a pena notar que o Instituto Politécnico de Leiria oferece, desde 2016, um curso de licenciatura (de 4 anos)

em Tradução e Interpretação PT-CH/CH-PT, cujo programa do 3.º ano tem uma cadeira semestral de “Literatura Chinesa”. Verifiquei que o programa do 3.º ano desse curso é dado no Instituto Politécnico de Macau.

Em Moçambique, também desde 2016, existe o curso de licenciatura em Língua, Cultura e Literatura Chinesas. Trata-se de um curso pioneiro, mesmo em todo o espaço lusófono, que funciona na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, com o apoio da Universidade Normal de Zhejiang, parceira chinesa do Instituto Confúcio da UEM.

No Brasil, a Universidade de São Paulo tem sido notavelmente activa na tradução de literatura chinesa e nos estudos de cultura chinesa. Um bom exemplo é a *Antologia da Poesia Clássica Chinesa da Dinastia Tang*, traduzida por Ricardo Primo Portugal e Tao Xiao e publicada em 2011 pela editora da USP com o apoio do Instituto Confúcio da USP.

Até aqui, no que diz respeito aos estudos de literatura chinesa no mundo lusófono, julgo que estamos na boa altura de dar um passo em frente. Por um lado, temos cada vez mais estudantes a aprender e a querer aprender chinês. Por outro lado, nos últimos anos, com a inauguração de vários novos Institutos Confúcio, o ensino da língua chinesa pode ser assegurado em todos os territórios de língua portuguesa. Há imensas possibilidades de colaboração e creio que podemos formar grupos de investigadores para aprofundar os estudos da literatura de expressão chinesa. Não podemos ignorar que, especialmente depois de 2012, o ano em que escritor chinês Mo Yan ganhou o Prémio Nobel, muitos escritores chineses modernos estão a ser traduzidos para português. Para acompanhar este aumento do interesse pela literatura chinesa (a literatura chinesa contemporânea em particular), é preciso que haja estudos constantemente actualizados a acompanhar as traduções.

Voltando ao nosso tema central, defendo que, nesta altura em que temos recursos para cultivar o interesse público pela literatura chinesa, devemos dar a prioridade aos escritores que consideramos de maior relevo. Neste sentido, é de prestar especial atenção à figura paradigmática de Lu Xun. É de notar que, além de ser quase unanimemente reconhecido como o fundador da literatura chinesa moderna, Lu Xun é comprovadamente um escritor universal e ao mesmo tempo um excelente interlocutor nos diálogos culturais entre a China e os outros países asiáticos - especialmente entre a China e o Japão. A recepção da obra de Lu Xun pelos escritores e intelectuais japoneses e coreanos também ilustra muito bem os laços entre as principais culturas da Ásia oriental. Este facto é particularmente

interessante para Portugal. Os jovens portugueses hoje adoram desenhos animados japoneses (*anime*) e o *K-pop*, o que é ótimo. No entanto, falando da minha experiência pessoal, tenho notado uma certa persistência dos nossos jovens em visualizar a China, a Coreia e o Japão sempre em confronto e conflito. De facto, as relações entre estes três grandes poderes modernos da Ásia oriental são complexas, e é importante relembrar os laços culturais entre esses três países.

Na Ásia oriental, geralmente consideramos que a China, o Japão e a Coreia formam um círculo civilizacional que se baseia na cultura dos caracteres e nos valores fundamentais do confucionismo. Infelizmente, na história moderna, mesmo no século passado, houve conflitos violentos e episódios extremamente dolorosos entre esses países que culturalmente deveriam ser irmãos. Podemos pensar, por exemplo, nos oito anos de guerra sino-japonesa, de 1937 a 1945; e nos 35 anos da ocupação japonesa da península coreana, de 1910 a 1945. No entanto, é preciso não esquecer que os nexos entre a China, o Japão e a Coreia são garantidos pelos intercâmbios intensos ao longo dos séculos e em muitos casos, reforçados pelos laços de sangue. Este aspecto cultural é muitas vezes menosprezado por muitos especialistas em assuntos asiáticos, que tendem a focar-se mais nas divergências e nos conflitos económicos e políticos que houve nos últimos anos entre a China, a Coreia e o Japão. Naturalmente, se não olharmos bem para a história da interacção entre estas três culturas asiáticas, não iremos entender nem os cruzamentos, nem as singularidades dessas culturas. A reflexão desse diálogo intercultural, aliás constantemente actualizado, encontra-se na arte e na literatura.

Já na dinastia Tang (618-907), uma época de ouro na história da China, marcada pelo cosmopolitismo e tolerância religiosa, vários estudiosos japoneses e coreanos viveram na então capital do império Chang'an (Xi'an hoje), uma das maiores metrópoles na altura (a par de Bagdad e Constantinopla), cuja prosperidade material e cultural era lendária. Era em Chang'an que as mais sofisticadas expressões artísticas, filosóficas e religiosas se dialogavam. Entre os estudiosos coreanos¹, o mais conhecido é Kim Gyo-gak (696-794), príncipe de Silla que mais tarde se tornou um célebre monge budista, tendo morrido na China. Entre os estudiosos japoneses na capital do Império Tang, o mais conhecido é sem dúvida

¹ Aliás, nessa altura a península coreana não era uma mas antes dividida em três partes: Goguryeo, Silla e Baekje.

Abeno Nakamoro (698-770), talentoso poeta que viveu quase 50 anos na China, chegando mesmo a assumir altos cargos na corte imperial.

O diálogo cultural não tinha só uma direcção, mas várias. Houve estudiosos chineses que também tiveram a coragem de atravessar o mar. Um grande exemplo, ainda hoje muito vivo na memória colectiva dos chineses e japoneses é o monge Jianzhen (688-763, Ganjin em japonês). Jianzhen nasceu em Yangzhou, porto importante no Sul da China, estudou vários anos em Chang'an e aceitou o convite dos estudiosos budistas japoneses para ir ao Japão. Embora já invisual, o monge divulgou no Japão muitos conhecimentos, não só a sabedoria budista, mas também a arte e a medicina chinesas. O templo Toshodai ji, em Nara, foi originalmente desenhado por ele. Faz parte do património cultural da UNESCO desde 1998, é um tesouro nacional do Japão, e também um símbolo da amizade sino-japonesa.

Tendo uma noção da base sólida dos diálogos interculturais entre a China, o Japão e a Coreia, olhamos para uma época mais recente e mais problemática: o início do século XX. Se há um escritor que consegue estabelecer uma ponte entre os três países da Ásia oriental na Modernidade, esse escritor não pode ser outro senão Lu Xun. A influência do grande escritor e pensador chinês não se confina à China e à comunidade chinesa, mas estende-se ao Japão, à Coreia e a outros países asiáticos. Como sempre, quando as demais forças agregadoras falham, a influência dos grandes escritores e pensadores consegue ultrapassar várias fronteiras e gerações. Ao mesmo tempo, para entender o legado intelectual e espiritual desses escritores de toda a humanidade, é preciso um esforço conjunto de várias gerações de leitores, e não apenas leitores de um país específico, mas de todo o mundo.

Vejamos primeiro o diálogo entre Lu Xun e o Japão. Sabemos que o escritor passou a última década da sua vida na zona de Hongkou, uma concessão japonesa em Xangai. Segundo Fujii Shozo (2020, 197-200), Lu Xun tornou-se amigo de Uchiyama Kanzo (1885-1959), um cristão japonês e proprietário da livraria Uchiyama, na altura um importante centro de encontro de intelectuais e artistas japoneses em Xangai. O escritor, que era ao mesmo tempo um leitor feroz de literatura japonesa e de literatura mundial traduzida em japonês, frequentava a livraria, comprava livros e convivia com amigos chineses e japoneses, que o admiravam. Masuda Wataru (1903-1977) também conheceu e estudou com Lu Xun nesse tempo. O jovem sinólogo ficou de tal forma impressionado pelo génio e

pela individualidade do escritor, que decidiu dedicar-se à tradução e divulgação da obra de Lu Xun no Japão.

Lu Xun, cujo nome original é Zhou Shuren (周树人), nasceu em Shaoxing, uma bela e antiquíssima cidade pequena ao Sul do Rio Yangzi. O escritor passou a infância e uma parte da adolescência na sua terra natal. O tempo era de crise aguda: nos finais da dinastia Qing, última dinastia da China Imperial, o território chinês estava a ser dividido pelos poderes estrangeiros e ao mesmo tempo, lacerado pelos profundos conflitos internos. Lu Xun teve uma educação tradicional, com base na leitura dos clássicos confucionistas. Mais tarde, ele estudou nas escolas mais modernas em Nanjing e conseguiu uma bolsa de mérito para estudar no Japão. Em contraste com a China, que estava em declínio acelerado, o Japão encontrava-se numa fase de assombrosa ascensão. Graças à enorme eficácia da Reforma do Imperador Meiji (em 1868), a transformação do Japão de uma sociedade feudal e fechada para uma sociedade capitalista e moderna foi bastante rápida e bem conseguida. Nesta transformação bastante radical, que afectou todos os níveis da vida, o Japão aceitou muitos valores modernos e ocidentais, assimilou conhecimentos de todas as esferas. No entanto, segundo o historiador Ienaga Saburo (1992, 188) muitos valores morais e tradicionais foram conservados e adaptados à nova realidade. Na dinastia Tang, como vimos, era o Japão que aprendia com a China. Nos finais da dinastia Qing (a última dinastia da China imperial), porém, era a China que aprendia com o Japão. Muitos jovens chineses que estudaram no Japão trouxeram conhecimentos avançados para a pátria, revolucionaram várias áreas do saber, e desempenharam papéis fundamentais na revolução republicana. Não esqueçamos que em 1894, quando a China perdeu a guerra com o Japão, os intelectuais chineses sentiram profundamente a importância de estudar a via japonesa da modernização. O ensaio “Chineses e Japoneses” de Eça de Queirós, escrito na altura dessa guerra sino-japonesa, contempla esta questão. De facto, a previsão do escritor português foi bastante certa: se a China vencesse a guerra, continuaria a dormir; mas se perdesse, acordaria. Com efeito, perdida a guerra, a China acordou: o governo imperial Qing começou a mandar e financiar os estudantes mais talentosos para estudar no Japão, sem saber que estes viriam um dia a derrubar a monarquia, o que não deixa de ser uma ironia da história...

No Japão, Lu Xun passou uma fase importante da sua juventude, de 1902 a 1908, ou seja, dos 22 anos aos 29 anos. Primeiro aprendeu japonês em Tóquio, depois estudou um ano e meio medicina em Sendai (Nordeste do Japão) e, mais

tarde, decidiu abandonar o curso de medicina para se dedicar à literatura. Foi em Tóquio que o jovem Lu Xun teve o contacto com a literatura japonesa e a literatura europeia. Era um leitor e tradutor infatigável, admirava especialmente Natsume Soseki (1867-1916), um escritor fundamental na divulgação da moderna língua japonesa e ainda hoje lido e apreciado pelos leitores asiáticos. Em Tóquio, que nessa altura era um florescente *powerhouse* cultural, o nosso escritor frequentava numerosas livrarias e lia livros, jornais e revistas literárias em japonês e alemão. Nos dois ensaios mais influentes escritos nessa fase juvenil, “As Imperfeições das Culturas” (文化偏至论) e “A Força dos Poetas Rebeldes” (摩罗诗力说) podemos observar o fascínio, embora não isento de lucidez, do escritor jovem pela força da Modernidade, aliada a uma fortíssima vontade de transformar os valores convencionais da sociedade chinesa. Essa vontade está associada, claramente, à inspiração de Friedrich Nietzsche. Aliás, Nietzsche era um dos pensadores mais *en vogue* nesse tempo no meio intelectual japonês.

Os dois magníficos ensaios acima referidos foram escritos ainda num chinês arcaico. Creio que na tese do ensaio “As Imperfeições das Culturas” podemos encontrar uma atitude que foi central e consistente ao longo da vida do escritor. Neste ensaio, o autor alertou para o perigo da arrogância cultural enraizada no Império do Meio e apelou a uma abertura para a cultura ocidental. Ao mesmo tempo, o autor perspicaz chamou a atenção para as imperfeições da cultura moderna, nomeadamente a tendência para um materialismo excessivo e para uma mediocridade colectiva, alertando já para o perigo de eliminar a individualidade no altar do colectivo. Para o jovem escritor, não há culturas perfeitas; todas as culturas têm que aprender umas com as outras; mas é igualmente importante uma cultura manter a relativa independência, garantindo assim a diversidade da cultura mundial. Como podemos ver, esta visão de Lu Xun, que está em harmonia com as ideias pluralistas do pensador romântico Johann Gottfried Herder, continua pertinente hoje, nesta fase problemática da globalização. A influência do Alto-Romantismo Anglo-Germânico é ainda mais notável noutro ensaio, “A Força dos Poetas Rebeldes”. Nele o autor defende, com bravura intelectual, o supremo valor da liberdade e independência individual. Aqui não posso deixar de dizer uma coisa: muito se tem dito sobre a tendência de “obedecer” e de “respeitar a autoridade” na cultura chinesa e até nas culturas asiáticas, mas esta é uma ideia generalizada e distorcida, e naturalmente com implicações políticas. Depois de estudar Lu Xun e o seu impacto na Ásia moderna, os leitores terão de certeza uma percepção mais completa da cultura chinesa e asiática. Lu Xun, através da

sua vasta obra de contos, ensaios, prosas e poemas, deixou lições valiosas sobre as formas de lidar com o peso da modernização e da ocidentalização, o que é precioso para o futuro da China e da Ásia em geral.

Como sugere o estudioso japonês Ito Toramaru (2005, 5), na linha do pensamento de Takeuchi Yoshimi, a palavra-chave para entender a cultura asiática da modernidade é a “resistência”: face à afirmação da superioridade cultural do Ocidente, o Oriente entra num processo dinâmico de resistência, rejeitando, por um lado, aos elementos ultrapassados da própria tradição cultural e resistindo, por outro lado, os impactos negativos da expansão da cultura ocidental. Ao longo dessa “resistência”, o Oriente procura renovar-se e (re)afirmar-se.

Na China, o confronto com os poderes ocidentais, inclusive o vizinho Japão, moderno e ocidentalizado, foi extremamente doloroso. Como bem diz o pensador francês Raymond Aron na sua obra prima “O Ópio dos Intelectuais” de 1955, “no Asian Culture was so legitimately proud of its history and its culture as was China. None, for a century past, had been so deeply humiliated” (2001, 262). O tempo de Lu Xun era de crise profunda. No entanto, ao tentar salvar o país, a *intelligentsia* chinesa encontrou-se bastante dividida. Houve uma tendência ultra-conservadora para tentar preservar e sobrevalorizar tudo o que era classificado como nacional. Houve também uma tendência radical, a querer fazer tábua rasa do passado e abraçar todos os valores modernos. Lu Xun tentou propor uma voz racional, com maior cuidado com a humanidade e a individualidade. No seu tempo, ele foi muito admirado por uns e brutalmente criticado por outros; a sua relação com a autoridade sempre foi tensa e problemática. É muito curioso ver a radicalização das atitudes dos leitores chineses perante a escrita de Lu Xun – a sagacidade do escritor é bastante forte, até fere; a crítica dele em relação aos defeitos perduráveis na cultura tradicional chinesa é às vezes bastante crua, pode até magoar a sensibilidade de alguns. Estudando a interpretação da obra de Lu Xun na China, orientada ou influenciada pela autoridade política, podemos perceber as tendências sociais e ideológicas da China. Além disso, estudando a recepção de Lu Xun no Japão e na Coreia, podemos entender a dinâmica do diálogo cultural entre os países da Ásia oriental no tempo contemporâneo. Aqui, para sintetizar a recepção de Lu Xun no meio intelectual japonês e coreano, vou apoiar-me no estudo do professor japonês Fujii Shozo.

Como foi mencionado, Lu Xun foi um dos grandes defensores da modernização da língua chinesa. Além de ser o autor do primeiro conto escrito em chinês coloquial e moderno (白话文), o escritor foi também um dos primeiros a usar a

terceira pessoa singular e feminina “她” (ela). A novidade da escrita de Lu Xun e a profundidade do seu pensamento começaram muito cedo a atrair a atenção dos intelectuais japoneses. Segundo Fujii Shozo (2020, 218, 223-224), os críticos literários notaram-no já em 1909. Ainda nos anos 20, foi publicado, numa revista japonesa em Pequim, o conto “Kong Yiji” (孔乙己), traduzido por Zhou Zuoren (irmão do escritor). A importante colecção da obra selecta de Lu Xun, preparada por Sato Haruo e Masuda Wataru, foi lançada pela prestigiosa Editora Iwanami e conquistou um enorme público de leitores de língua japonesa. Em 1945, um mês após a rendição do Japão, Dazai Osamu (1909-1948) escreveu um romance imaginando a vida estudantil de Lu Xun em Sendai. Além de Dazai Osamu, há vários famosos escritores contemporâneos japoneses que se inspiraram na obra de Lu Xun. Alguns exemplos como: Matsumoto Seicho (1909-1992), um mestre de romances policiais; Oe Kenzaburo (1935-), premiado Nobel de Literatura em 1994; Terayama Shuji (1935-1983), dramaturgo, poeta e realizador e ainda, Murakami Haruki (1949-). Ainda segundo o estudioso Fujii Shozo (2020, 255), a escrita de Lu Xun é considerada como parte da literatura “nacional” (“nacional”, no sentido em que a obra do escritor em questão deve ser lida e valorizada por todo o povo). O conto de Lu Xun “Terra Natal” (故乡), escrito em 1921, foi seleccionado para o manual do ensino secundário do Japão em 1953, e ainda hoje está a ser estudado nas escolas japonesas. Como bem diz o escritor Oe Kenzaburo, formado em Literatura Francesa pela Universidade de Tóquio: “Lu Xun constitui a confiança da literatura asiática”.

Segundo Fujii Shozo (2020, 276-278; 280-281), cujo estudo continuamos a seguir de perto, na Coreia, a tradução da escrita de Lu Xun também começou cedo. Já nos anos 20, um escritor coreano, cujo nome chinês é Liu Shuren (柳树人), seguindo o nome original do nosso escritor, traduziu o conto “Diário de Um Louco” para coreano. Na altura da ocupação, os intelectuais coreanos inspiraram-se na escrita de Lu Xun para resistir à colonização japonesa. Poetas heróis como Shin On Gun (1904-1938), I Won Rok (1904-1944) e Yi Kwang-su (1892-1950) deixaram comentários importantes sobre Lu Xun. Nos anos 70 e 80 do século passado, a escrita de Lu Xun também foi fundamental no movimento da democratização na República Coreana. Figuras centrais como I Yong Hee (1929-2010) e Lim Heon-yong (1941-) foram fortemente influenciados pelo grande escritor chinês, especialmente pelo seu espírito crítico e rebelde.

Acerca do impacto da obra e do pensamento de Lu Xun na Coreia, é interessante notar que o actual presidente da Sociedade Internacional dos Estudos de

Lu Xun é o Professor Park Jae Woo, estudioso coreano e grande dinamizador do diálogo cultural entre a China e a Coreia. A Sociedade Internacional dos Estudos de Lu Xun foi fundada em 2011 e oficialmente registada em 2012 na República Coreana. Os dirigentes desta Sociedade são estudiosos de Lu Xun residentes na Coreia, China, Japão, Austrália, Singapura, Suíça, Rússia, EUA; os investigadores membros vêm de 20 países: uma verdadeira academia internacional. Tive a honra de conhecer o Prof. Park na conferência da Sociedade em 2015, realizada no Instituto Confúcio de Düsseldorf.

À semelhança dos fóruns académicos organizados pelos Institutos Confúcio de Düsseldorf e de Viena, em que tive o prazer de participar, os Institutos Confúcio em Portugal e nos países de língua portuguesa em geral podem, a meu ver, realizar também actividades semelhantes. De facto, este ano, tentei organizar através do ICUC, com o apoio da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e do Museu de Lu Xun em Pequim, uma exposição sobre a vida de Lu Xun, para comemorar o 140.º aniversário do escritor. Devido à pandemia, o evento teve que ser adiado, provavelmente para o próximo ano. Estando nós neste tempo de grandes incertezas, julgo, no entanto, que estamos em boas condições para ler e estudar Lu Xun.

Primeiro, julgo que esta pandemia nos impõe a repensar o perigo da fragmentação da sociedade. Para resolver uma crise que afecta toda a gente, de todo o mundo, é urgente recuperar a coesão social e a solidariedade entre os povos. Neste contexto, um escritor tão universal como Lu Xun merece uma atenção especial.

Segundo e no que diz respeito às relações entre os países lusófonos e os países asiáticos como a China, o Japão e a Coreia, julgo que não se deve focar-nos só nas trocas comerciais. Nunca devemos ignorar o intercâmbio cultural, porque, segundo creio, só através de um diálogo cultural dinâmico e profundo é que podemos conseguir um mútuo entendimento entre os diferentes povos. Nesta missão, as entidades académicas têm um papel importante a desempenhar. Como foi mencionado anteriormente, nos países de língua portuguesa, os estudos sobre as culturas e literaturas asiáticas ainda precisam de ser aprofundados. É importante apresentar ao público português os grandes escritores asiáticos, os que são ao mesmo tempo clássicos e modernos, como Lu Xun, tão importante, e tão actual.

Terceiro e como mencionado no início, os estudos de Lu Xun em Portugal e no espaço lusófono estão em condições para dar um passo em frente. Creio que os Institutos Confúcio dos países de língua portuguesa podem e devem juntar

as forças e dar um grande apoio à tradução e aos estudos de literatura chinesa. Em colaboração com colegas de outros países asiáticos, julgo que podemos até impulsionar os estudos sobre as literaturas asiáticas em geral. Juntos podemos organizar exposições para dar a conhecer a vida e obra de Lu Xun, e os escritores asiáticos influenciados por ele. Podemos organizar conferências para incentivar os estudos de Lu Xun, realizar encontros entre os estudiosos de Lu Xun de todo o mundo. Além disso, em colaboração com os colegas chineses, podemos apoiar a tradução da obra de Lu Xun de chinês para português.

Em jeito de concluir, no tempo em que o diálogo académico e cultural entre Portugal e a China está cada vez mais intenso, julgo que nós, interlocutores nesse diálogo, devemos valorizar mais o poder da literatura e a força dos grandes escritores e pensadores. Um escritor gigante como Lu Xun, que tanto transformou a língua e cultura chinesas, merece ser constantemente lido, estudado e traduzido. Convido todos os colegas portugueses interessados em literatura chinesa para conhecer e apreciar o escritor.

Referências bibliográficas

- AA.VV. (2014). *Quinhentos Poemas Chineses*. Coordenação de António Graça de Abreu e Carlos Morais José. Lisboa: Vega.
- Aron, R. (2001). *The Opium of the Intellectuals*. Nova Iorque: Routledge.
- Fujii, Sh. (2020). *A Viagem de Lu Xun pelas Cidades: a Estrita de Lu Xun na Perspectiva da Ásia Oriental*. Tradução de Pan Shisheng. Pequim: New Star Press.
- Ienaga, S. (1992). *A História da Cultura Japonesa*. Tradução de Liu Jisheng. Pequim: The Commercial Press.
- Ito, T. (2005). *Lu Xun, a Sociedade de Criação e a Literatura Japonesa*. Tradução de Sun Meng et. al. Pequim: Peking University Press.
- Lu, Xun (2005). *Obra Completa de Lu Xun*. Vol. I. Pequim: People's Press.